

O conto, aparentemente simples, é, no fundo, um relato cruel, marcado com tintas amargas, que retratam, melhor do que qualquer defesa explícita do abolicionismo, os efeitos da escravidão no cotidiano da vida das famílias. Mariana era tratada como filha pela senhora, que de fato nutria afeto por ela, mas nem uma nem outra perdia de vista o abismo que as separava. A senhora a educava quase como às próprias filhas, mas nunca de modo igual, e a escrava lhe devia reconhecimento, sob pena de ser punida por ingratidão. O sinhozinho podia abusar dela sexualmente, como chega a sugerir o tio de Coutinho num dado momento, mas não podia esposá-la, e ela podia entregar-se a ele, mas jamais envolvê-lo com seu amor. Ciente disso, Coutinho reage, quando sua irmã levanta a suspeita de que Mariana o estava amando, com o comentário: “Ela atrever-se-ia?”, e age na hora de capturá-la como alguém que recupera uma propriedade perdida. É a consciência desse abismo entre ela e o sinhozinho que leva Mariana ao gesto desesperado no final. Ela contentava-se com a sua compaixão, já que não poderia ter o seu amor, e chega a dizer-lhe: “a minha intenção era morrer na hora do seu casamento, a fim de que fôssemos ambos felizes, – nnonhõ casando-se, eu morrendo” (Ibidem: 55), mas acaba optando pela morte quando se dá conta de que a barreira era absolutamente intransponível: seu amado empregara pouco antes a palavra “fugiste”, ainda que inconscientemente, chamando atenção para a sua condição irrevogável, e agora agia com a distância que a sociedade lhe impunha, alertando-lhe que convocaria os agentes policiais para forçá-la a retornar para casa. A atitude condescendente da família de tratá-la como filha é aqui denunciada por Machado por encobrir o mal da escravidão. A família a queria realmente, mas apenas enquanto ela conhecesse o seu lugar e agisse com a devida distância. À escrava era vedado sonhar ou esquecer por um instante a sua posição de submissão.

### MIXIGNE<sup>3</sup>

Encontrei um de meus companheiros atrapalhadíssimo com um monte de antologias e glossários à sua frente. Já havia consultado todos os “pais dos burros”, e não havia encontrado a significação de uma palavra que ouvira de uma formosa boca, muito de seu interesse, numa palestra de salão. A graciosa menina, no dizer de meu amigo, narrando a história de um homem, terminara com esta expressão: “Ele é mixigne”.

Não querendo demonstrar ignorância na presença de instruída senhorinha calou-se, mas, dali mesmo saiu para a via-sacra dos livros avantajados que ensinam coisas. Evidentemente já havia indagado a explicação do estranho termo a todas as pessoas conhecidas, a todas as enciclopédias.

Desalinhado, sonolento, desesperado, estava a ponto de resolver uma telefonada anônima diretamente à detentora do vocábulo, quando um pequeno da redação, um menino de recados se ofereceu timidamente para elucidar o problema.

“Trabalhei na casa de um mixigne”.

Nada mais acrescentou. Apenas sabia que o seu antigo patrão era mixigne.

De posse do endereço, corremos à casa do desconhecido. Era tal a nossa impaciência para desvendar o enigma que até esquecemos de nos apresentar:

— “O senhor é mixigne?”

E antes da resposta:

— “O que é isto de mixigne? Que profissão ou que doença é isso?”

O interlocutor, saboreando a nossa ignorância, meteu-nos a porta na cara. Estávamos na mesma. Desoladíssimos, deixamos o quarteirão. Vamos tomar o primeiro transporte que aparecesse.

No bonde vinha o autor da “Experiência nº 2” e outros mecanismos. Ele anda agora de bonde porque ainda não tem gasogênio no seu carro, que sempre foi um transporte coletivo.

O nosso amigo Flávio de Carvalho deu-nos a chave de tal gregueria:

O mixigne é um homem que se equilibra no ar, desobediente à gravitação, ao dicionário, que consegue esmagar a relatividade das coisas e dominar todas as perspectivas de uma só vez. É o que nos deixa com as palavras quando a nossa vaidade procura convencer, é o que sorri quando há tristeza, e troca os sapatos com o primeiro defunto. O mixigne conversa apenas com o candidato suicida, lê jornais velhos e livros que não existem. Apanha flores nos jardins suspensos das lendas e conta histórias às crianças. E no meio das luzes de uma cidade nascente, desconhecendo o trânsito, os apitos, as buzinas, posta-se no meio dos trilhos para falar às estrelas.

—ARIEL

<sup>3</sup> Ibid., 8 de setembro de 1942.